

201

CORREIO BRAZILIENSE

Brasil

Brasil teme a cólera através de Iquitos

Cheias no Sul deixam 8.750 flagelados

Porto Alegre — As enchentes decorrentes das chuvas dos últimos dias no Rio Grande do Sul, na região da fronteira, mantêm um saldo de 8 mil 750 flagelados. Segundo dados da Defesa Civil, os rios Quaraí e Ibiqui permanecem acima do nível normal. Há 2 mil 500 desabrigados no município de Quaraí, a 634 quilômetros, de Porto Alegre, e 1 mil 350 no município de Dom Pedrito, a 422 quilômetros da capital.

O município de Alegrete, a 487 quilômetros de Porto Alegre, às margens do Rio Ibirapuita, que já começa a voltar ao seu nível normal, tem a situação mais grave entre as localidades atingidas pelas cheias.

Enquanto isso, 208 municípios do Rio Grande do Sul ainda sofrem os efeitos da estiagem que há três meses atinge o estado e que já provocou a decretação de situação de emergência em 174 municípios.



A índia Doila, com sintomas da doença, mostra a privada que é usada pelos tikunas

O secretário nacional de Vigilância Sanitária, Baldur Shubert, disse ontem que em 40 dias foram registrados 400 casos de cólera na cidade peruana de Iquitos, distante 500 quilômetros da fronteira brasileira. O secretário chegou ontem a Brasília depois de dez dias em Tabatinga onde há dois casos confirmados de cólera em brasileiros.

Ele informou que Iquitos é o principal foco do vibrião colérico e representa uma ameaça ao Brasil porque há um trânsito intenso de pessoas do lado peruano para Tabatinga passando pela Ilha de Santa Rosa. Baldur Shubert não confirmou o uso da vacina contra cólera pelo Ministério da Saúde e explicou que só o ministro da Saúde, Alcení Guerra, poderá esclarecer sobre a utilização ou não da vacina francesa.

Há 400 casos da doença em Iquitos, com mais de 20 óbitos e 150 hospitalizações, disse o secretário. Ele informa que o aumento do número de contaminados pela cólera em Iquitos ocorreu na cidade nos últimos 40 dias e que esses números justificam uma atuação intensa do Ministério da Saúde em Tabatinga.

A cidade será ponto de referência do Ministério para toda a

região do Alto Solimões e, segundo Shubert, já há laboratórios e técnicos treinados para o exame e diagnóstico da doença. Estamos aumentando o número de pessoas mas até agora estamos com 50 técnicos do Ministério da Saúde trabalhando dia e noite no local, garantiu o secretário.

Em Tabatinga o barco recreio Comandante Luzeiro, uma espécie de ônibus fluvial para quem mora nos lugarejos na beira dos rios na região do Alto Solimões, atracou ontem no porto de Tabatinga. Um batalhão de estudantes que se inscreveram como voluntários da Cruz Vermelha abordou os passageiros que desciam do barco, pessoas pobres, e apresentaram a eles a realidade imposta pela cólera.

Espantados, os poucos passageiros que conseguiam ler o que estava escrito ali não sabiam como fazer o que determinava o folheto, "defecar em privadas".

A 1 mil 700 quilômetros dali, o prefeito de Manaus, Artur Virgílio, revela que apenas quatro por cento da rede de esgoto são tratados. O resto é puro perigo. Ele traça uma operação de guerra para combater a cólera, incluindo a evacuação de populações inteiras de lugares atingidos.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : Correio Braziliense

CLASS. : 201

DATA : 22 04 91

PG. : 05

Tikunas denunciam abandono

Tabatinga (AM) — O líder tikuna Alírio Mendes alerta: “As comunidades tikuna que habitam as margens do rio Solimões correm perigo”. Ele disse que as 83 comunidades da região estão situadas entre os municípios de Tabatinga, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença, Santo Antônio dos Sá e Tonantim — exatamente o roteiro dos primeiros lugares atingidos pela cólera, traçado pelo presidente da Comissão de Combate à Cólera, Baldur Schubert.

Alírio disse que os tikuna não têm condições de enfrentar a doença e até agora nenhuma equipe médica foi deslocada para ajudá-los. Ele afirma: “Os índios foram esquecidos também na questão da cólera”.

E afirma que os índios sofrem de malária, diarreia, desnutrição, entre outros males, e no entanto nem a Funai nem a Secretaria de Saúde do Amazonas faz um trabalho de saneamento básico ou de prevenção de doença na área. Alírio considera que uma falta de trabalho e orientação junto aos índios podem causar uma tragédia, uma vez que, devido à falta de saneamento básico, basta que um índio contraia a doença para que ela se alastre por toda a comunidade, transformando-se numa epidemia que matará um grande número de tikunas.

A índia tikuna Doila, de 17 anos, teve alta do Hospital da Guarnição de Tabatinga na última sexta-feira, mas sua diarreia voltou com grande intensidade. Sua avó, Pasqua Albino, estava bem até a sua alta.

Agora também está com diarreia. As duas estão em casa, um dos mais de 300 barracos da comunidade tikuna de Umariacu, a 15 minutos de barco de Tabatinga. Ali moram os dois mil tikunas, todos em péssimas condições de higiene, sem água corrente e sem vasos sanitários.

O diretor do Hospital da Guarnição de Tabatinga, major Francisco Távora, garantiu que o índio tikuna de 19 anos com cólera passa bem, mas avisou que ele não será liberado antes do resultado final de seus exames clínicos e epidemiológicos.

“Fico preocupado com quem mora longe”, diz o chefe do posto da Funai em Umariacu, o tikuna Paulo Ramos Cruz, admitindo que não existe soro nem remédio nas comunidades, mas apenas combustível para usar no motor dos barcos no caso de emergência. Ele disse que a Funai mandou Cr\$ 500 mil de Brasília para compra de combustível para todas as comunidades tikuna no Alto Solimões. O dinheiro não é suficiente para suprir a demanda em caso de emergência.